REPRESENTAÇÕES CULTURAIS NA OBRA *CAATINGAS E CHAPADÕES*, DE FRANCISCO DE ASSIS IGLÉSIAS (1912-1919)

Gustavo Cleon Marques Nascimento
Graduado pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI - Campus Clóvis Moura)
Atualmente, mestrando em História do Brasil pela Universidade Federal do Piaui pelo Programa de Pós Graduação em História do Brasil (PPGHB - UFPI)

Pedro Pio Fontineles Filho
Doutor em História Social (UFC)
Professor Permanente do Mestrado Profissional em Ensino de História da UESPI. (ProfHistória/UESPI)
Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil (PPGHB/UFPI)
Mestre em História do Brasil (UFPI)
Especialista em História do Brasil(UFPI).Graduado em Licenciatura Plena em História (UESPI)
Graduado em Letras-Inglês (UFPI)
Diretor de Departamento de Pós-Graduação, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROP/UESPI, desde 2018
Atualmente, é Professor Adjunto - Dedicação Exclusiva da Universidade Estadual do Piauí

RESUMO
O texto explora a construção de representações culturais do Sertão brasileiro no início do século XX, destacando como autores e cientistas do Sul do país moldaram uma visão estereotipada da região. A obra "Caatingas e Chapadões" de Francisco de Assis Iglésias é analisada, oferecendo uma visão do Sertão que mistura observações agronômicas e culturais, além de discutir o poder das representações e a identidade nacional.

Palavras-chave: Representações culturais, Sertão.

1 INTRODUÇÃO

> *As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de um grupo que as forjam. [...] As percepções da realidade não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas*[1]

Todo discurso é uma manifestação de poder, nenhum discurso é neutro e nenhum autor é uma página em branco, representa o mundo de acordo com seu lugar social. É nesse cenário de

[1] CHARTIER, 2002, p.17.

representações e escritas sobre si e o outro que se a presente pesquisa visa trabalhar com a obra Caatingas e Chapadões escrita por Francisco de Assis Iglésias, com o recorte espacial e temporal do presente artigo ambientalizado nos primeiros anos do século XX. Em um contexto onde o Sertão era um território ainda desconhecido para boa parte da população, enquanto o Sul do país, favorecido pelo desenvolvimento e pelas condições econômicas, começava a olhar para essa região com o objetivo de mapeá-lo e integrá-lo à identidade nacional.

A busca por essa identidade surge em um cenário de transformações recentes que moldavam o meio científico do país, como o fim da escravidão, a crise da produção açucareira, o início do processo de industrialização brasileira, a Seca de 1877, o cangaço e a Proclamação da República. Essas mudanças direcionaram as atenções para o Sul, enquanto o Sertão permanecia refém da sua própria organização social até aquele momento. Como bem disse Durval Muniz, a região do Sertão, "até meados da década de 1910, o Nordeste não existia. Ninguém pensava no Nordeste, os nordestinos não eram percebidos, nem crítica dos como uma gente de baixa estatura, diferente e mal adaptada."[2]

A espacialidade desse território carregaria consigo temáticas únicas e estereotipadas pelas produções literárias e científicas feitas pelo Sul, onde o cangaço, o messianismo, a miséria, a seca, e ausência de higiene seriam questões características do Sertão. Obras literárias e jornalísticas como a produção de Graciliano Ramos, Vidas Secas, Euclides da Cunha com Os Sertões[3] que reforçam esses pontos norteadores e alimentavam as atenções nacionais para a região, pois o Brasil buscava criar uma identidade nacional, indo a passos largos em direção ao progresso e à modernidade. Reforçava-se a necessidade desses dois tópicos para atingir esses ideais e criar essa nacionalidade, e além deles, também circulava com muita importância a questão da higiene e saneamento.

O real e o literário se emaranham no trabalho de representar o Sertão, junto a construção da literatura, foram realizadas viagens científicas para mapear questões específicas da região. Elas podem ser consideradas importantes objetos de análise nas ciências sociais e na história. Uma vez que buscam compreender como esses viajantes, médicos, cientistas e naturalistas, construíram imagens da natureza e da população que ajudaram a formar a própria imaginação social sobre o país. Esses viajantes, além de seus temas especialistas, incluíam versos sobre família, alimentação, vestuário, habitação, trabalho, contrastes culturais, sociais e econômicos, influência européia, construção da nacionalidade, civilização, modernização e desenvolvimento do país.

Os viajantes que se destacaram por trabalhar a saúde e o Sertão no início do século XX foram promovidas pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC), a expedição realizada por Arthur Neiva e Belisário Penna, ao Norte e Nordeste do Brasil em 1912, por requisição da Inspetoria de Obras contra as Secas,

[2] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A Invenção do Nordeste e Outras Artes. 6. ed.São Paulo: Editora Massangana, 2011. p.6

[3] RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. São Paulo: Record, 1938.; CUNHA, Euclides da. Os Sertões: campanha de Canudos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1902. QUEIROZ, Rachel de. O Quinze. Rio de Janeiro: José Olympio, 1930.

órgão do Ministério dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas. “No relatório, as populações do interior do país foram caracterizadas pelas imagens de doença, isolamento, geográfico e cultural, analfabetismo, pobreza e vocação para regredir “[4]. O relatório de viagem deles, é o pilar para se pensar nas condições do Sertão doente, pois além de serem especialistas, registraram com fotos as mazelas presentes no Nordeste.

Ao mesmo tempo, o principal viajante analisado no presente artigo é Francisco de Assis Iglésias[5] com sua obra intitulada “*Caatingas e Chapadões(1951)*[6]” que carrega possibilidades de representação e de reconstrução da paisagem sertaneja, além de aproximações entre História e Saúde, um campo ainda pouco explorado no que tange a História do Piauí. Em sua obra, cidades como Parnaíba, Teresina, Floriano, Santa Filomena, Uruçuí, dentre outras[7], ganham destaque, ele navega a bordo do Navio “Brasil” que o transporta do Rio de Janeiro até Fortaleza, local que dá acesso ao Rio Parnaíba e segue por uma gaiola[8], o meio de transporte era perfeito para as condições do Norte, já que o rio era muito estreito para grandes embarcações. Suas anotações ultrapassam do estudo agronômico, como Iglésias fez questão de expor logo na apresentação do livro, “Além das observações agronômicas que me interessavam mais de perto, não perdi a oportunidade de colher informações sobre o modo de viver do homem nas regiões por mim percorridas"[9]. Assim, ele esclarece que sua escrita seria marcada pela curiosidade e atenção para registrar um pouco sobre a cultura do homem piauiense.

Destarte, as paisagens naturais, urbanas e cotidianas também são descritas pelo escritor, em um tom de memória e de registro, em forma de narrativa romanceada, o que abre margem para diálogos entre sua obra e as condições de saúde e higiene no Sertão. Logo, para exemplificar essas passagens escritas pelo autor destaca-se inicialmente a “vaidade elevada dos parnaibanos”[10]que mesmo com a falta de saneamento, continuando, em seu primeiro contato com a capital do Piauí ressaltou como ela seria “a menos favorecida pelo progresso”

As obras citadas, carregam uma riqueza descritiva e uma análise sociológica, que muitas vezes enfatizavam a brutalidade e a aridez do sertão, contribuindo para a visão estereotipada da região como

---

[4] NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. Viagem cientifica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauhí e de norte a sul de Goiaz. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, v.8, n.3, p.74-224. 1916.

[5] É útil expor a biografia do escritor, ele nasceu no dia 06 de janeiro de 1889, na cidade de Piracicaba e faleceu no dia 13 de julho de 1969, foi filho de imigrantes espanhóis, e se formou como engenheiro agrônomo. Sua formação lhe rendeu a atuação em setores ligados a questão da maniçoba e posteriormente na gerência de terras da união dentro do Piauí, e foram nessas jornadas pelo Sertão, que nasceria seu diário de viagem para o nordeste brasileiro, com passagem por várias cidades piauienses.

[6] IGLÉSIAS, Francisco de Assis. Caatingas e chapadões: notas, impressões e reminiscências do meio-norte brasileiro (1912- 1919). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

[7] Demais cidades como, Oeiras, Amarante, Bom Jesus, Coroatá, Barra Grande.

[8] ·"Gaiola" - na nomenclatura popular. É uma embarcação de tamanho médio, que carregava pessoas ou mercadorias, os passageiros geralmente dormiam em redes no convés. Era usado principalmente na travessia de rios estreitos

[9] IGLÉSIAS, Francisco de Assis. Caatingas e chapadões: notas, impressões e reminiscências do meio-norte brasileiro (1912- 1919). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953. p. 23

[10] IGLÉSIAS, Francisco de Assis. Caatingas e chapadões: notas, impressões e reminiscências do meio-norte brasileiro (1912- 1919). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953. p. 42

um espaço de atraso e miséria, que são" conceitos sintéticos e abstratos que procuram dar conta de uma generalização intelectual, de uma enorme variedade de experiências efetivas. Falar e ver a nação ou a região não é, a rigor, espelhar estas realidades, mas criá-las."[11] . Na narrativa de Iglésias, os temas estereotipados também se fazem presentes quando o autor, logo no início do livro declara, "As narrativas dos fatos e coisas que vi, assim com nos comentários que adicionei, sempre procurei ser o mais simples e claro possível, a fim de que a verdade, meu supremo ideal, não fosse sacrificada"[12]

Ou seja, ele declara relatar a verdade[13] além dos preceitos e preconceitos já estabelecidos em sua bagagem cultural, visto que teve uma formação privilegiada e é filho de imigrantes, com sua obra na qual declara: ""Além das observações agronômicas que me interessavam mais de perto, não perdi a oportunidade de colher informações sobre o modo de viver do homem nas regiões por mim percorridas" [14]

Para a História, suas falas são objeto de problematização e seus silenciamentos, também. Por isso, para contrastar com a visão do autor, os relatórios governamentais dos anos de 1912 a 1919 são usados para dialogar com as falas do autor. Nesse contexto de olhar para o Sertão brasileiro que foram realizadas inúmeras viagens do Sul com missões diversas, médicos, engenheiros, arquitetos, cada um com um objetivo, mas todos trabalhando para ajudar a entender uma parte do Brasil estereotipada pelas criações literárias e científicas do Sul.

Para guiar o presente artigo, toma-se como mapa a obra "Caatingas e Chapadões" de Francisco de Assis Iglesias, que, em forma de narrativa romanceada, relata sua trajetória no Sertão entre os anos de 1912-1919, Iglesias, assim como os viajantes franceses, documenta as batalhas contra as adversidades naturais e sociais, oferecendo uma perspectiva relevante sobre a identidade sertaneja, com o objetivo de problematizar a cultura relatada pelo autor nos seus anos no Sertão localizando o seu lugar e suas colaborações com a História

2 IGLÉSIAS E OS SERTANEJOS: TRAMAS DO PODER E COTIDIANO

O viajante sai de sua região, com seus preceitos e preconceitos frutos do seu ambiente e passa a uma nova bolha de experiências, no qual as pessoas com que tem contato apresentam uma nova

[11]IGLÉSIAS, Francisco de Assis.Caatingas e chapadões: notas, impressões e reminiscências do meio-norte brasileiro (1912- 1919). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951 p.38.
[12]IGLÉSIAS, Francisco de Assis.Caatingas e chapadões: notas, impressões e reminiscências do meio-norte brasileiro (1912- 1919). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951. p.419.
[13]A verdade, como discutida por Adam Schaff em "História e Verdade", é um processo de conhecimento em que o sujeito, o objetivo do conhecimento e o conhecimento como produto interagem, tornando a verdade subjetiva e socialmente construída. Schaff argumenta que o conhecimento é um processo infinito e acumulativo de verdades parciais estabelecidas em diversas fases históricas. Assim, os fatos sociais podem ter significados diversos para diferentes grupos, impossibilitando uma verdade universal. Portanto, a verdade apresentada por Iglésias está limitada aos seus próprios paradigmas e visões de mundo. Referência: SCHAFF, Adam. História e Verdade. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.97.
[14] IGLÉSIAS, op.cit. 1953, p. 67

realidade dentro do mesmo país. Essa nova realidade causa estranhamentos e aprendizados ao engenheiro que são evidenciados ao leitor da obra por meio de pequenas saudações romanceadas que estabelecem uma relação que rompe o tempo e o espaço.

O autor está muito longe de sua casa e adota uma postura que pode ser interpretada como estóico[15], pois quando ele diz, "Quem viaja, principalmente quem viaja por estas bandas, precisa munir-se de farta dose de paciência, é necessário ter espírito esportivo. Receber as coisas como elas se apresentam, procurando tirar o melhor partido da situação. Foi o que fiz."[16]. A esfera cultural na qual estava inserido era completamente nova e ter esse espírito esportivo é ter, ou pelo menos, passar ao leitor que tem consciência das diferenças culturais e das próprias limitações, sendo mente aberta para tirar o melhor do que a experiência pode proporcionar.

Nesse ínterim, com noção a respeito das diversidades culturais entre o autor e o Sertão e os diferentes conceitos sobre cultura, é necessário expor a definição adotada na presente pesquisa para começar a aprofundar na sua aparição em *Caatingas e Chapadões.* Primeiramente, a cultura é composta por diferentes camadas e individualidades únicas para cada grupo que a compõem, existe a cultura das elites, a cultura do povo, a cultura brasileira e a cultura de um determinado grupo específico.

Então, alguns autores se aproximam da definição de cultura adotada pelo presente pesquisador. Roger Chartier em sua obra "A História Cultural: entre práticas e representações"[17] diz que a História Cultural trabalha para identificar o modo como em diferentes momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Com classificações, divisões, delimitações que organizam a forma com que o grupo vai interpretar, representar e vivenciar o mundo real."[18] E essas representações do mundo, "assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam." [19]

As representações de cultura, presentes em *Caatingas e Chapadões,* não são uniformes, visto que a cultura dominante no Sertão é diferente da de Iglésias, os esquemas interiorizados, as categorias e classificações estruturadas pelos sertanejos divergem das interpretações formuladas no Sul. Ao analisar a obra, através da experiência e interpretação do autor, é possível ter contato com a estrutura cultural dos diferentes grupos presentes no Piauí.

No momento em que são consideradas as culturas de vários grupos sociais, a hierarquização dos indivíduos entra em pauta. Pois a elite tem interesses diferentes em relação aos menos favorecidos, ao levar essa questão em consideração, outro autor essencial para a conceituação de cultura é o

[15] O Estoicismo é uma doutrina filosófica fundada por Zenão de Cítio (334-262 a.C.) e se caracteriza por uma ética em que a imperturbabilidade, a extirpação das paixões e a aceitação resignada do destino são as marcas fundamentais do homem sábio.
[16] IGLÉSIAS, Francisco. op.cit. 1953, p.378.
[17] CHARTIER, 1990.
[18] Ibidem. p.17.
[19] Ibidem.

sociólogo Zygmunt Bauman[20], na sua obra "Ensaio sobre o conceito de cultura"[21]. Ele separa algumas camadas que são determinantes para a validação das representações dos grupos.

Pois a cultura teria a esfera hierárquica, que devido ao seu poder na pirâmide social teria valores e vontades únicas com o intuito de crescer seu poder em relação aos demais, um segundo pilar seria a cultura como um divisor de águas, pois produz as diferenças sociais entre os povos, sendo eles da mesma região ou de regiões diferentes e o terceiro pilar seria a análise do indivíduo que por si só cria, interpreta e dá significado às experiências.

Para Bauman, a cultura seria "a única faceta da vida e condição humana que o conhecimento da realidade e o interesse do ser humano pelo auto aperfeiçoamento e pela realização se fundem em um só "[22]. A realidade é algo subjetivo ao olhar humano e o ambiente no qual ele está inserido, o preenche com raízes culturais herdadas das influências do grupo social que faz parte e interpretadas pelo indivíduo.

Adentrando nas vivências de Iglésias em *Caatingas e Chapadões,* um elemento cultural proporcionado pela natureza do Sertão e presente até a atualidade dentro das representações do povo é o momento em que ele expõe suas considerações a respeito da Cajuína,

> Cabe neste ponto uma pequena explicação, sem menosprezar os conhecimentos de botânica do leitor amável. O que comumente chamamos de fruto, no cajú, é o pedúnculo, carnoso, suculento; o fruto propriamente dito é a parte que encerra a castanha, em forma de barrete frígio. Aliás, na linguagem de nossos ameríndios, cajú quer dizer pedúnculo suculento. - Mas, por quê, perguntar-me-, o pedúnculo do caju é suculento? Eis a resposta: - o cajueiro certamente não, pensou na gulodice do homem quando elaborou um pedúnculo tumefato, cheio de um líquido açucarado para suporte do pequenino fruto; agiu em função do meio, isto é, procurou garantir, apesar da seca, a vida da semente destinada à perpetuação da espécie. O mesmo fenômeno ecológico, mutatis mutandis, pode ser notado no umbuzeiro ou imbuzeiro. Esta essência acumula apreciável quantidade de água em certas raízes a fim de sobreviver às estiagens prolongadas. Mas o homem, sempre o homem, que conhece essa artimanha da natureza, apertado pela sêde, arranca as raízes, espreme-as e bebe o líquido assim obtido.[23]

A Cajuína era "Do suco do caju", não era comum no Sul do país e o autor achava uma "bebida deliciosa, sem álcool, de bela cor amarelo-âmbar, que seu fabrico demandava cuidados especiais para que não se estragasse"[24]. Dessa forma, essa bebida é uma criação cultural valorizada no Norte e se faz presente até a atualidade. O fato do autor ter dado espaço para comentar sobre essa bebida é um dos vários exemplos de passagens culturais, que são preservadas em sua obra.

---

[20] Zygmunt Bauman (1927-2017) foi um sociólogo, pensador, professor e escritor polonês, uma das vozes mais críticas da sociedade contemporânea. Criou a expressão "Modernidade Líquida" para classificar a fluidez do mundo onde os indivíduos não possuem mais padrão de referência.Zygmunt Bauman (1927-2017) nasceu em Poznan, Polônia, no dia 19 de novembro de 1925. Filho de judeus, em 1939, junto com sua família, escapou da invasão das tropas nazista na Polônia e se refugiou na União Soviética. Alistou-se no exército polonês no front soviético. Em 1940 ingressou no Partido Operário Unificado – o partido comunista da Polônia. Em 1945 entrou para o Serviço de Inteligência Militar, onde permaneceu durante três anos.

[21] BAUMAN, Zygmunt. Cultura como práxis in: Ensaios sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

[22] Ibidem, p.300.

[23] IGLÉSIAS, 1953, p. 373.

[24] Ibidem, p.374.

Em outro momento, é vivenciado pelo autor um novo costume, "desusado no sul do país"[25], uma prática cultural sobre a morte no qual os entes queridos eram enterrados no quintal das casas e era plantada uma árvore em sua sepultura.

> Os dois frondosos cajueiros, à sombra dos quais calmamente eu estava saboreando meu almoço, envolviam com suas raízes as sepulturas dos avós da morena de olhos verdes. E tudo ali se passava normalmente como se os mortos não houvessem morrido. E em verdade eles estavam presentes no verde luzidio das folhas, nas flores e nos frutos, frutos que possibilitam o prodígio da consubstanciação.[26]

As diferenças culturais variam até mesmo na relação entre os grupos sociais com a morte. Ao perceber essa prática presente no Norte e ausente em sua experiência no Sul, o autor novamente revela a riqueza cultural que o Brasil tem, onde cada aspecto da vida e das relações sociais é representado de formas diferentes.

Crenças e credos também estiveram em evidência ao longo da obra ao estar presente em uma fazenda, presenciou um rapaz filtrando licor de pequi repleto de formigas, com conhecimento ou não o sertanejo estava auxiliando a dar um "aumento na vista da caboclada"[27] , a ideia de que comer formigas, ou bebe-las, ajuda a melhorar a visão era de repertório dos sertanejos e Iglésias com seus conhecimentos técnicos, se admirou com a cultura de beber licor com formigas e explicou ao leitor, "antes isso do que a picada de uma cascavel, porque está cega sua vítima e o licor pela grande dose de ácido fórmico que deverá conter, após a camoeca, aumentará a vista da caboclada Ainda bem"[28]

O autor, em certo momento, se encontra com a figura de vaqueiros em uma fazenda, e se surpreende ao ver a violência da profissão, e o perigo iminente quando gado escapa, ou se agita durante o pastoreio. Ao indagar se já havia casos de feridos durante o processo, o vaqueiro responde:

> - Já tem acontecido, seu dotô, de vaqueiro quebra costela, abrir a cabeça e inté morrê. O que é que o vaqueiro vai fazer? É o jeito. E com esse "é o jeito", de um conformismo estóico, foi o vaqueiro ultimar sua tarefa. , O que mais surpreende no vaqueiro é que a aparente apatia sonolenta, diante de um caso como os ' acima citados, transforma-se como que por encanto: · surge a figura audaz e intrépida, altiva e até elegante do lidador de feras ·bravias.[29]

A surpresa do autor e a "sonolência" do sertanejo revelam também as construções culturais do cotidiano, que torna uma tarefa perigosa, normal para os vaqueiros e novo a Iglésias que não estava acostumado aquela situação. O autor estava imerso em uma nova gama de experiências, que sob suas lentes, tomam forma e valor ao leitor.

O Norte, como discutido anteriormente, era predominantemente rural com algumas paisagens urbanas. Apesar disso, era um organismo vivo que "num raio de mais de trinta léguas sabe-se que há

[25] IGLÉSIAS, 1953, p. 394.
[26] Ibidem.
[27] Ibidem, p. 401.
[28] Ibidem.
[29] IGLÉSIAS, 1953, p.413.

gente estranha na região”[30]. Iglésias afirma ao leitor que seus comentários romanceados vão além de passagens egóicas, mesmo com seu comentário, suas observações técnicas sobre os problemas do Sertão, de forma indireta bota o Norte como um lugar sem o conhecimento, pois esse saber-fazer, que o autor possuía por conta dos privilégios de sua formação, o auxiliam a enxergar soluções aos desafios cotidianos do nordestino sem as mesmas condições.

Como foi dito nessa passagem, “Não relato esses episódios para pôr em evidência minha modesta colaboração, mas, sim, para revelar ao leitor paciente a índole de nosso sertanejo: bravo como a onça pintada, se ferido em seu amor próprio e dócil qual uma criança se tocado em seu coração pela varinha mágica da bondade”[31]. Logo, ele tentava representar a sua visão sobre a cultura do Norte e a sua experiência com os nordestinos categorizou como pessoas a serem auxiliadas, respeitadas e resilientes.

Esse conhecimento advém da sua hierarquia e cultura, que diverge completamente da situação presente no Sertão durante o início do século XX. Seus saberes o levaram a implementar hábitos e costumes presentes no Sul dentro das experiências que esteve presente no Norte. Para exemplificar um momento onde o autor classificou sua educação superior em relação a do Sertão, foi ao ensinar o sertanejo sobre sua cultura de “Tirar o chapéu da cabeça” e “Não cuspir no chão”, Iglésias diz que “Todos sabem, também, que as pessoas de educação menos esmerada, têm o costume de cuspir no chão, em qualquer parte em que estejam. Ora, são duas coisas feias, ou melhor, uma só é que é feia, a outra é anti-higiênica e perigosa.”[32]

Sua fala demonstra que ele categorizou a educação sertaneja como algo caricato e se sentiu na missão de ensinar as boas maneiras para o caboclo.

> O caboclo, meio acanhado, aceitava o • convite e entrava, mas entrava com o chapéu de couro enterrado na cabeça. Após algumas frases que denunciavam os verdadeiros motivos da visita, eu arriscava, com boas maneiras, a seguinte pergunta: · - O senhor sabe ler? - Nhor, não. - Que penal - exclamava eu sorridente. Se o amigo soubesse ler, -e apontava as letras da parede - saberia o que está escrito lá - "TIRE O CHAPÉU DA CABEÇA". Inconscientemente, num movimento rápido como bote de cobra, o sertanejo tirava o chapéu da cabeça e -o • colocava ao pé da cadeira. Então eu explicava esse ato próprio do homem civilizado, que traduzia uma atitude respeitosa, e acrescentava: Quando o senhor me viu, o terreiro não tocou no chapéu? Eu não respondi da mesma maneira? Pois com mais razão devemos dar demonstração de apreço dentro da casa do amigo que nos hospeda. Eu mesmo, ao entrar em minha casa, tiro o chapéu. Dou Lhe 100$000 se o senhor der comigo dentro de casa com o chapéu na cabeça. Além de tudo é um costume muito bom, porque refresca a cabeça. Diz o ditado: "Pés quentes e cabeça fria é sinal de saúde[33]

Sua cultura e costume trazem Bauman à discussão. Essa diferença nos hábitos simples, presentes no cotidiano, são exemplos de como o homem é capaz de atribuir significados a gestos

[30] Ibidem, p. 470.
[31] Ibidem, p.529.
[32] Ibidem, p.539.
[33] IGLÉSIAS, 1953, p.540.

simples como tirar um chapéu, esse significado e valor formam parte da cultura e constroem símbolos importantes dentro das relações sociais, pois,

> O homem é o animal que produz ferramentas, fala e símbolos. Só ele ri, só ele sabe que vai morrer; só ele nega o acasalamento com a mãe e a irmã; só ele inventa visões de outros mundos para viver no que a Santayana chamou de religiões, ou prepara essas massas de modelar da mente que Cyril Connolly chamou de arte. Ele não só é dotado de ... pensamento, mas de consciência; não só de necessidades, mas de valores; não só de medos, mas de escrúpulos; não só de um passado, mas de uma história. Só ele tem cultura.[34]

Nenhum outro animal presente na natureza reconhece esse gesto e o atribui valor como algo de respeito e educação, apenas o homem. E nem mesmo todos os homens, pois essa cultura ainda não havia adentrado dentro do Sertão, um lugar onde tinha seus próprios valores e hábitos frutos de herança cultural. Dessa forma, cada sociedade tem uma raiz que cresceu e se formou dentro das relações sociais, formando uma teia de relações que como caracterizou Bauman, são interdependentes, desenvolvidas e sustentadas pelas interações humanas[35].

Para Zygmunt Bauman, a cultura é fluida e diretamente ligada às estruturas sociais que são capazes de interpretar as vivências e as categorizar com sentidos e significados. Como expressa Iglésias, ao retratar um momento onde os sertanejos cantam e contam para ele a respeito de uma ave que no Norte tinha um significado “agourento”, enquanto em outras regiões não tinham tal atribuição.

> Crença geral entre os habitantes do sertão, que a acauã é ave agourenta, e muitas anedotas ou "causas" ouvi a respeito. Anotei o seguinte: - Já conheci uma - contou-me a velhinha que um dia chamou pelo nome do dono, e não tardou muito que ele morresse. Após, não sabe vossoria que a acauã fala? Fala, nhor, sim!: um papagaio pra fala. A velhinha que me perdoe: não creio que a acauã fale, pois as que estiveram sob as minhas vistas jamais soltaram um pio que se pudesse traduzir por uma palavra, mesmo monossilábica. Nessas coisas, assim como noutras muitas, sou como São Tomé: quero ver para crer .não padece dúvida, para mim, é o fato de a acauã comer cobras.[36]

As crenças da região que eram respeitadas e temidas pelos habitantes, não possuíam muito valor para Iglésias, visto que sua formação cultural era outra o significado que carregava na mente dos sertanejos não chegavam até o engenheiro. Para os nativos, “Quando o caboclo ouve o canto do acimã, estremece de pavor, sente o· calafrio da morte, e, como se já estivesse diante de um corpo amortalhado, olha, com os olhos rasos de lágrimas canção da acauã lhe soa aos ouvidos como um lúgubre *de profundis*: vá cova, vá cova"[37]. Enquanto o autor, por ter conhecimentos técnicos sobre os animais, não conseguia compreender o fundamento da crença, pois para ele a ave fazia um bem para a população pelo fato de que come cobras.

---

[34] BAUMAN, 2012, p.133.
[35] Ibidem, p. 215.
[36] IGLÉSIAS, 1953, p. 509.
[37] Ibidem.

O homem é o único ser vivo capaz de representar a realidade a partir de sua subjetividade, abrindo margem para uma rica e diversa estrutura cultural que atua de maior ao menor grau dentro das sociedades. É o fruto da forma com que o indivíduo se expressa e se relaciona com os demais. Por conta dessa diversidade, diferentes grupos têm diferentes culturas e realizar a comparação entre elas é um ato falho, pois cada cultura foi gerada em um ambiente e em um contexto diferente. O viajante, por desconhecer as heranças do Norte, não conseguia compartilhar do mesmo sentimento dos nativos ao viver o folclore, já que a cultura, baseado nos momentos escritos pelo autor são carregados de sentimentos e de lutas que os sertanejos entravam em contato.

Apesar das diferenças culturais, a obra de Iglésias preserva um espaço da cultura piauiense em diversas camadas da sociedade, ao retratar as festas políticas presentes em Teresina, as festas e ditados populares em Santa Filomena. *Caatingas e Chapadões,* por não ter somente as concepções do autor, ou seja, não se restringir a elite da época, entrou dentro da Nova História Cultural que, como disse a historiadora Sandra Pesavento[38] em sua obra *História e História Cultural*[39].

> Por vezes, se utiliza a expressão Nova História Cultural, a lembrar que antes teria havido uma velha, antiga ou tradicional História Cultural. Foram deixadas de lado concepções de viés marxista, que entendiam a cultura como integrante da superestrutura, como mero reflexo da infraestrutura, ou mesmo da cultura como manifestação superior do espírito humano e, portanto, como domínio das elites.[40]

A História é grande demais para ser resumida às estruturas de quem está no poder. No Norte do Brasil, durante a primeira metade do século XX, as elites comandavam a história e a forma como ela se apresentava aos cidadãos, pois elas detinham o controle das mídias e das condições de sustento dos moradores. Contudo, esse véu de poder não foi completamente rompido, uma vez que o viajante faz parte da elite e tem vivências com as pessoas comuns e as dá um lugar de memória sob a sua perspectiva e a sua escrita, sendo incapaz de retratar a cultura sertaneja em sua totalidade, mas ainda assim, dá voz a personagens cotidianos da época.

---

[38] Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1969), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1978) e doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo (1987). Realizou três pós-doutoramentos em Paris. Professor convidado de várias instituições estrangeiras. Professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR). Atua na área de História, com ênfase em História do Brasil, trabalhando com os seguintes temas: história cultural, história cultural urbana, imaginário e representações, história e literatura, patrimônio e memória. Pesquisadora IA do CNPq e coordenadora nacional do GT em História Cultural da ANPUH.

[39] PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

[40] Ibidem, p.8.

3 ENTRE SCHUBERT E MANÉ DO RIACHÃO

Para Sandra Pesavento, a cultura seria um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo[41], sendo uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, dão sentidos às coisas e aos atores sociais que fazem parte das vivências em sociedade. A História Cultural, então, teria que se voltar para problemas de outros campos e temas, além dos da elite, para que a História não se resumisse a somente uma perspectiva.

As diferenças culturais eram refletidas em todos os cenários nos quais Iglésias se aprofundava, inclusive nos gostos musicais. Em uma noite na cidade de Santa Filomena ele coloca músicas clássicas em uma vitrola para os moradores compartilharem o momento de lazer juntos,

> Então esperem um pouco; depois do jantar os amigos ouvirão a máquina chamada vitrola falar e cantar. À noite mandei reunir o pessoal: homens, mulheres e crianças, entre estes os forasteiros. Todos sentados no chão olhavam atentamente para a campânula da vitrola. Coloquei um disco de Caruso cantando Una furtiva lacrima. Silêncio no auditório. Coloquei após a Série/lata à Schubert. O mesmo silêncio. Pus um disco de um desafio do Mané do Riachão. Um sussurro de alegria cobriu a primeira estrofe do cantor. Quando terminou o disco todos estavam radiantes de alegria, e um deles sentenciou: - este sim que fala espevitado". Mané do Riachão batera Caruso! É uma questão de sensibilidade artística, de educação do sentido, de estética, dirá o leitor amável, e eu estarei de acordo. Mas como é que o canto dos passarinhos enleva o matuto e extasia, ao mesmo tempo, 'o homem civilizado? Segredos da natureza[42]

Essa tentativa expôs as diferenças culturais a respeito da música e as opiniões do autor em relação a se posicionar como um “homem civilizado” e o sertanejo como “matuto” incapaz de ser sensível às belezas do mundo clássico erudito, refém de seus gostos ainda atrasados. E a natureza na opinião do autor toma lugar como o fio que liga esses dois tipos de homem. Novamente, Sandra Pesavento ganha espaço na discussão, pois ela também explica a importância da representação que é observado na vivência do autor pois ao por a musica do Mané do Riachão, por ser parte da cultura do Sertão, ser reconhecida e representada em suas formações culturais e sociais, trazem a eles significados e sentimentos que a música de Schubert não os alcança já que não é algo familiar, cultural, logo desprovido de representações e sentimentos.

> Representar é, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente ; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença. A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele. A representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão.[43]

Nesse contexto, as representações envolvem as vivências herdadas e experienciadas por cada sociedade, carregando um significado simbólico que possuem sentidos ocultos para aqueles que não

---

[41] Ibidem, p. 8-9.
[42] IGLÉSIAS, 1953, p. 544.
[43] PESAVENTO, 2003, p.30.

têm a mesma cultura. São construídos socialmente e se apresentam como algo natural para os que fazem parte e algo que causa estranhamento para aqueles que são de fora, “carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão.

Nessa medida, a força das representações se dá não pelo seu valor de correspondência dos discursos e das imagens com o real, mesmo que a representação comporte a exibição de elementos evocadores e miméticos.”[44]. *Caatingas e Chapadões* é uma obra cheia de momentos como esse e por conta do leitor estar sujeito à visão do Iglésias, é necessário reflexão para constatar que ele é um corpo estranho em um organismo vivo e todo estranhamento sentido por ele é mútuo pois também me causa estranheza aos nativos. Seu privilégio por conta do lugar social moldou a forma como a experiência da viagem foi representada, a forma como ele era recebido, tratado e respeitado fazia parte do pacote do poder que ele continha.

No exemplo da música, a representação social não foi alcançada pela música clássica, visto que aquela parte da população não tinha acesso a uma vitrola e quem dirá de contemplar músicas de outros países, mas isso não é de toda forma ruim, as músicas clássicas de pessoas “eruditas” são uma copia da cultura de outros países, que não carregam a essência de uma cultura criada no Brasil. O estilo animado e feliz das músicas no Sertão são parte de uma construção social feita na região visto que não tinham acesso às influências de fora e seguiram as próprias tendências, o passado assumiu essas formas discursivas e imagéticas pelos quais os sertanejos expressavam a si próprios e o mundo. Uma cultura diferente da de Iglésias e que representava os costumes do Norte.

Dessa forma, o autor deixa clara sua opinião sobre sua cultura ser a erudita e a do povo local ser mais rústica. Contudo, o viajante em alguns momentos também se encanta com a forma com que os sertanejos levavam a vida. Iglésias vivencia o São João do Norte e acha interessante o costume de “pular a fogueira”[45] e o significado que esse ato carrega, “em que se estreitam os laços de amizade, os de matrimônio"[46] e duram até o dia seguinte . Ele também diz que os vaqueiros têm "sutilezas que são praticados sem discrepância" o exemplo que ele usa para dar vida a suas palavras foi o modo como os sertanejos usam a palavra “Bichinho”[47]

> Os vaqueiros, de um modo geral, todos os sertanejos têm subtilezas que são praticadas sem discrepância. Por exemplo: para indicar, mais ou menos, a altura de um animal, espalmam a mão em plano vertical e dizem: o bezerro tem esta altura: se se referem a um ente humano, indicam com a mão aberta em plano horizontal: o meu bichinho" tá é nesta altura mesmo. "Bichinho" tem acepção carinhosa. Muitas vezes ouvi o sertanejo pedir água para beber: - "Bichinho, - dirigindo-se a algum menino da casa - traz um tiquinho de água 'O, bichinho". Esta expressão carinhosa é empregada até nos meios distintos das ·cidades em linguagem

[44] PESAVENTO, 2003, p.31.
[45] IGLÉSIAS, 1953, p.596.
[46] Ibidem.
[47] Ibidem.

> familiar. :E: pronunciada com tal inflexão de voz que não há quem resista à solicitação: "Bichinho, trás um tiquinho de água aí, bichinho".[48]

Esses dois exemplos mostram que mesmo se considerando com uma cultura erudita, existem traços no Norte desconhecidos pelo autor que merecem admiração. Tanto nas festividades quanto nas formas de se expressar através da linguagem a cultura se manifesta dentro das vivências cotidianas. Dessa forma, o imaginário de Iglésias não tinha uma imagem formada em sua mente sobre as representações do Sertão, nas palavras de Sandra Pesavento, "o imaginário é um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo."[49]

Os hábitos vivenciados pelos sertanejos e presentes na obra de Iglésias seria um fragmento da perspectiva de como os nordestinos viviam e interagiam com a realidade, essa realidade na qual o autor não faz parte é "um sistema de representações coletivas que tanto dá a ideia de que se trata da construção de um mundo paralelo de sinais que se constrói sobre a realidade, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica"[50]. Seguindo o raciocínio, é como se o autor entrasse em um novo mundo, não somente físico, mas também cultural, onde as práticas e as vivências fossem resultados das condições históricas e culturais que o Piauí passou.

O conceito de imaginário discutido pela historiadora também destaca que "O imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social"[51]. Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito. As crenças místicas também estão presentes em *Caatingas e Chapadões,* alguns exemplos disso foram quando o autor conversava com um sertanejo a respeito de uma criança que nasceu prematura. A forma com que o nativo lidava com essa informação trazia à tona suas crenças:

> - Na semana passada, a muié do Aniceto deu a luz a uma criança parecida com macaco. E Deus me perdoe se ·falo mal: a criança tinha até um toco de rabo de meio palmo de comprimento. Teve poucas horas de vida. Deus seja louvado. - Que fizeram com ela? - perguntei, interessando-me pelo caso. - Enterraram pertinho da casa, - junto de um jatobá grande. - Lamento não ter tido ciência disso, pois teria solicitado autorização aos pais para conservar o pequeno monstro em álcool. - Para que, seu dotô? - Para estudos científicos, e depois guardá-lo num museu - Vixe, seu dotô mas eles não davam, não. Eles tão guardando segredo. ·Mas todo mundo tá fuxicando (uma intriga, mexerico): uns dizem que é arte do cão diabo e outros, a gente dêles, que a muié do Aniceto, quando tava prenha, foi à fonte e, sem esperá, deu de cara com um bando de macacos. Ela levou um grande susto, e daí nasceu a criança parecida com macaco. - A natureza tem dessas surpresas tristes. Em todo caso, se nascer outro menino-macaco por aí, o senhor me avise com tempo para conservar o "bichinho" em álcool, se não tivermos álcool, a cachaça mesmo serve. · Todos acolheram a minha piada com bom humor - ótima predisposição para o sono.[52]

[48] Ibidem, p.568.
[49] PESAVENTO, 2003, p.31.
[50] Ibid., p.32.
[51] Ibid..
[52] IGLÉSIAS, 1953, p.493.

As crenças dos sertanejos sobre o filho com nascimento precoce mostram um pouco sobre a sua fé e os preceitos. Em outro momento, onde o tempo estava ameaçando chover, a cultura e os paradigmas dos moradores ganham vida e destaque na obra do viajante:

> A tarde o tempo começou a mudar: densas nuvens negras, cúmulos de mau tempo, anuncia beira da estrada, humildes casas de palha, os moradores . nos acenaram, convidando-nos a entrar. - A tempestade está muito em cima: não demora a chuva bate - disse amavelmente uma cabocla idosa, que parecia dona da morada. - Não chove, não. Já fiz minha mandinga; já mexi os pauzinhos. As nuvens vão despejar noutro lugar. - Vixe! Não diga isso, não. Nisto, o ofuscante relâmpago serpenteia entre as nuvens negras e bojudas. Apesar desse aviso eloquente, eu, insensato, continuei a marcha. Nem bem havia passado quinze minutos, desandou um pé d'água que mais parecia uma formidável tromba[53]

Nessa parte, a cultura receptiva dos nordestinos ganha pauta, sempre oferecendo abrigo para os que estivessem de passagem e ao mesmo tempo mostra um linguajar sobre "mandinga" para afastar a chuva que mesmo sem efeito, diz um pouco sobre a cultura do lugar. O imaginário e as representações da cultura popular nortista se manifestaram nas situações mais simples que o viajante presenciou. Em conversa com um caboclo, o homem mente o seu nome e diz a Iglésias que o motivo é medo dos “fazedores de ideia”.

> Eu me chamo Santiago (acentuou o i)Como? O senhor naturalmente quer dizer Santiago, não é assim? - Prá falá bem a verdade, eu não sou nem Santiago em Santiago, o meu nome certo mesmo é Norberto. - Mas, então, que embrulhada é essa? - Eu lhe explico, patrão: eu sô lá das bandas dos Gerais, e nóis tem muito receio dos cabras das caatingas, que são fazedores de idéia. Então eu pensei: chegando nas caatingas, eu digo que sou Santiago; após os cabras, fazendo idéia no Santiago, não fazem em mim, porque eu sou Norberto. Não pude conter o riso que desatou em gostosa gargalhada, gargalhada que todos acompanharam, inclusive o esperto e desconfiado carapina. Fazer ideia ou ideia, como Norberto pronunciava, caro e paciente leitor, é fazer feitiçaria, e de feitiçaria até muita gente boa tem medo.[54]

Então, com esses exemplos retirados da perspectiva do viajante, a magia e a religião são crenças principais dentro do Norte, pois em uma terra com desafios constantes a fé e o milagre eram fontes de esperança para uma melhora. Com isso, o sentimento e as sensibilidades experienciados pelos sertanejos e pelo autor entram em discussão. O conceito de sensibilidades seria, como disse Sandra Pesavento, um núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo, é o conhecimento sensível de uma forma de compreensão do mundo que brota não do racional ou das elucubrações mentais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo.

As crenças na magia, nas mandingas e nas feitiçarias seriam um exemplo onde o sentimento, no caso a fé, se sobressai frente à lógica e mostra através das palavras “as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das

[53] Ibidem.
[54] Ibidem, p.417.

emoções e dos sentidos, usando a magia, ou sua crença em sua existência como um caminho de interpretação e validação do mundo real”[55].

A História, com a interdisciplinaridade como companheira, passou a navegar em vários rios, expandindo seus horizontes. Nesse contexto, a história do corpo foi introduzida após a revolução dos Annales. No momento em que os historiadores normalmente focam nos eventos e nos grupos envolvidos na pesquisa, ignorando a problematização das sensações e sensibilidades que os corpos estão sujeitos durante o período analisado. A história do corpo, ao contrário, busca compreender como os corpos são construídos e representados socialmente, como eles experimentam as relações de poder e como eles são afetados por transformações históricas e culturais. Essa abordagem permite uma compreensão mais complexa da sociedade, ao revelar as formas como o corpo é um espaço de disputas e resistências.

Por exemplo, a historiadora Michel Foucault analisou como o corpo foi disciplinado e controlado durante a modernidade, por meio de instituições como a escola, o exército e o hospital. Outra historiadora, Joan Scott, mostrou como a construção do corpo feminino esteve ligada à ideia de maternidade e domesticidade na sociedade ocidental e Durval Muniz abordou a importância de se trabalhar os corpos dentro da pesquisa. Esses autores representam o aumento da importância das pesquisas sobre a história do corpo, que é um campo de pesquisa relativamente novo, mas que vem ganhando importância nos últimos anos. Ela oferece uma perspectiva inovadora para compreender a sociedade e a cultura humana.

O historiador Durval Muniz é um dos principais autores brasileiros a se aprofundar na literatura dos corpos como fonte histórica, ele defende em sua obra *"tecelão dos tempos(2019)"* que o corpo é um elemento silenciado, e que isso está errado pois no interior da escrita, por trás do documento e da mente que a produziu existe um corpo, um corpo sujeito a experiências que norteiam a forma como a escrita se conduz as palavras escritas."O corpo, embora silenciado nos textos, nunca está ausente da cena de pesquisa. No arquivo, ocorre o encontro tátil da pele do pesquisador com a superfície dos objetos[56]" Ou seja, os sentidos produzem sentidos dentro do texto escrito. Tudo isso, é frequentemente ignorado nos textos de história. No entanto, essas sensibilidades são importantes, pois podem variar de acordo com a sociedade e a classe social do indivíduo e do grupo que escreve.

4 OS CORPOS E AS FALAS FEITOS POR PALAVRAS: AS CAMADAS DE VIDA NA OBRA CAATINGAS E CHAPADÕES

Michel Foucault, em seu livro *História da Sexualidade: a vontade de saber (1984)* diz que, "O corpo não é apenas o suporte das funções vitais, mas também o lugar de uma inscrição simbólica. É o

[55] PESAVENTO, 2003, p.33.
[56] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História. São Paulo: Intermeios, 2019, p. 62.

lugar em que a cultura se inscreve na natureza."[57]. Essa citação destaca a importância do corpo como um objeto de análise histórica. Foucault argumenta que o corpo não é apenas um objeto biológico, mas também um objeto social e cultural. O corpo é onde a cultura é inscrita na natureza, e é um espaço onde as relações de poder são gravadas.

Enquanto a historiadora Joan Scott, quando escreve *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica (1988)* e diz que, "O corpo é um lugar onde as relações de poder são gravadas. É um espaço de disputas e resistências."[58] enfatiza que o corpo é um espaço de disputas e resistências. As relações de poder são inscritas no corpo, mas elas também podem ser contestadas e transformadas. Uma vez exposta um pouco da visão desses autores sobre a importância do corpo, é necessário relacionar a *Caatingas e Chapadões*

Com isso, a obra do viajante é uma literatura que o olhar de Clio também traz a possibilidade de analisar as sensibilidades e sensações dos corpos sertanejos observados e representados por Iglésias. Visto que, durante todas as discussões feitas no decorrer da pesquisa, o autor escreve sobre si e o outro, sobre o momento e os sujeitos que compõem a cena. Então, sensações como o calor, a fome, a seca, o choro e o riso se fazem vivas e representadas dentro da obra e merecem ser debatidas, pois, além de dar vida aos corpos nordestinos, também passam as sensações dos corpos em momentos que chamaram a atenção do autor. Vale ressaltar que as representações desses corpos estão presentes dentro da literatura do autor, transformando-as em algo limitado e direcionado sobre sua perspectiva de viagem da elite paulista vindo ao norte pela primeira vez.

Primeiramente, definir o corpo é essencial para que a pesquisa se aprofunde além das palavras do autor, esse elemento é dividido em duas partes, o corpo, lar da mente e do desejo, posse individual e pessoal de cada um, com liberdades e limitações de acordo com o contexto e o corpo como algo social, sujeito a normas e a hierarquização. Denise Bernuzzi em seu artigo sobre corpo diz que,

> A relação entre o indivíduo e seu corpo nem sempre supõe a consciência da posse. Para ter um corpo é preciso, primeiramente que ele se apresente enquanto objeto, como algo definido, com contornos próprios. É preciso também que o homem se torne sujeito do seu corpo, seu proprietário. O que pressupõe uma autonomia, do corpo e do homem, uma cisão que parece estranha a uma época em que a medicina, por exemplo, privilegiava uma série de correspondências entre a saúde corporal e o equilíbrio do universo. Alguns exemplos poderão nos ser úteis.[59]

Ou seja, com a modernização e a evolução da saúde trouxeram padrões que sujeitam os corpos e os classificam como,"saudáveis" ou "precarizados" servindo como mais um meio de posicionamento social que favorece aqueles que têm acesso ao conhecimento e ao direito à saúde. Como ela comenta, sobre a imagem criada sobre o corpo como algo de uma ordem dessacralizada e hierarquizada, "O

[57] FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 159.
[58] SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. São Paulo: Paz e Terra, 1995. p .91.
[59] SANTANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo e história. Cadernos de subjetividade. Núcleo de estudo e pesquisa da subjetividade – Programa de estudo de pós-graduação em psicologia clínica – PUC/SP, 1995, p.245.

imaginário da organização da máquina serve, assim, como modelo de pensamento quando se reflete não apenas sobre o corpo mas, também, sobre a cidade. A saúde do corpo começa a ser assimilada pelo governo das cidades e vice-versa..[60]

O corpo, apesar de individual, passa a ser condicionado para se integrar ao todo. Em *Caatingas e Chapadões*, marcado pelo recorte temporal de um momento de transição entre o rural e o urbano, a saúde pública e a higiene dos corpos eram uma questão voltada para as elites, mas aos poucos, por meio das elites e das fontes oficiais, começaram a ganhar espaço. Iglésias, que já havia sido sujeito às normas civilizatórias, tentava ensinar os sertanejos as boas maneiras, sujeitando seus corpos a hábitos desconhecidos.

Entre outras situações, a leitura da obra do autor e a análise de seus diálogos com teor civilizatório ilustra a relação de poder entre o corpo individual e o corpo social. O corpo individual é moldado pelas normas e valores sociais, que podem ser explícitos ou implícitos. Ao ser submetido a hábitos desconhecidos, o corpo sertanejo é submetido a uma forma de disciplina social. Essa disciplina social pode levar ao aperfeiçoamento do corpo, mas também pode ser vista como uma forma de controle.

As sensações e sensibilidades que os corpos sertanejos passaram na obra do autor. Por isso a pesquisa se ocupa em falar sobre o calor, a seca e o riso, sensações que dentro do contexto daquela época, com a seca de 1915 tem muito significado histórico e na atualidade trata-se de temas muito estereotipados de forma preconceituosa ao Nordeste brasileiro.

O primeiro momento de calor sentido por Iglésias foi logo ao início de sua jornada, quando descobre que na capital do Piauí, a principal mobília para dormir é a rede, por motivos de "calor muito"[61]. Essa quentura comentada pelo morador local foi sentido na pele naquele momento e silenciada durante o resto de sua jornada, essa quentura que afligia os corpos podem ser relacionado com as passagens relacionadas a seca e a fome que teriam, como um de seus colaboradores, o calor.

Dessa forma, a sede e a fome eram problemáticas que o autor, em sua posição privilegiada não havia motivos para se preocupar, mas dentro dos cenários nos quais passou, era inevitável o contato com os sertanejos que não tinham as mesmas condições e sofriam diariamente para vencer o Sertão. Uma cena brutal que exemplifica isso, foi quando Iglésias recusou de um casal o filho, o casal em questão ofereceram sua prole pois enxergavam que com o paulista, seu filho "pelo menos não sentirá fome, nem o que é sede e nem de não ter um trapo para cobrir o corpo"[62]. Após isso, o autor reflete que esse ato, pode parecer extremo, mas era uma grande prova de amor, abrir mão do filho para que

[60] SANTANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo e história. Cadernos de subjetividade. Núcleo de estudo e pesquisa da subjetividade – Programa de estudo de pós-graduação em psicologia clínica – PUC/SP, 1995, p.248
[61] IGLÉSIAS,op.cit, 1953, p.39.
[62] IGLÉSIAS,op.cit, 1953, p.284.

ele não sofra ao mesmo tempo era triste que o desamparo e o desespero sejam tamanhos para levar uma família a querer doar seu filho a um desconhecido por conta de sua posição social.

O sofrimento mental e físico que flagelou o casal e os botava naquela situação de desamparo, naquela situação, os corpos dessa família eram puramente coletivos, um sofria com a situação do outro e não desejavam que o sofrimento em todo o seu ser afligisse o filho. Sentir no corpo, a sede, a fome era algo tão brutal que Iglésias durante sua jornada, só de pensar em passar por essa situação, já agradece por todos os refrescos que já tomou, ou seja, agradece pelo privilégio de não precisar sentir na pele essa dor.

> Lancei um olhar pela paisagem: tudo sêco e desolador; à direita, as escarpas abruptas do chapadão expunham aos raios ardentes do sol suas figuras caprichosas de arenito vermelho. Consultei o relógio: 14 horas, portanto, duas horas de caminho na Vereda da Lagoa do Boi, e nada de casa, nem ao menos uma cacimba em que pudéssemos saciar a sede. E estávamos percorrendo a Vereda da Lagoa do Boi! Lagôa, onde é que ficava essa lagoa? E a gente morre de sede. Felizmente o tordilho continuava em sua marcha ligeira, embora derramando suor. Com certeza estava sendo açoitado pela , sêde. Não sei o que se possa comparar à tortura da sêde. . Lembrei-me da parábola bíblica que fala de um rico impiedoso que estava sofrendo, nas chamas do inferno, o tormento da sede, e, desesperado, suplicava ao Pai Abraão, que tivesse misericórdia dele, · e mandasse a Lázaro que molhasse na água a ponta do dedo para refrescar-lhe, a êle rico, a língua ressecada. Fiquei com pena do pobre rico. Eu estava também com a língua sêca. As glândulas salivares não conseguiam manter a mucosa bucal umedecida. Passei em revista todos os refrescos gostosos que tomei na vida.[63]

Seu comentário mostra como os privilégios favorecem a saúde dos corpos, tornando o corpo como algo relacionado a estrutura capitalista que segrega cada vez mais os diferentes tipos de corpos e sensações que não fizessem parte do modo imposto e desejado agressivamente pela elite. Não obstante, suas falas sobre seu medo da sede serviram como presságio, pois acabou se realizando dentro dessa mesma jornada, por ter pegado o caminho errado durante a viagem, seu corpo foi exposto a um cenário sertanejo sem a proteção dos seus privilégios e confortos, um pedaço do desafio diário dos menos favorecidos. A sorte do autor foi ter encontrado uma palmeira refletida na água.

> Não pode ser, dizia de mim para mim, devo estar delirando, não se tratará de uma miragem? Notei que o cavalo apressou o andar; o caminho, levemente inclinado, era marginalizado por barrancos vermelhos. Procurei com os olhos a copa do buriti e lá estava ela, não muito distante, a uns 30 metros. Assim que o cavalo enb·ou numa pequena curva, à direita, vi a palmeira refletida na água; não quis acreditar, julgava-me vítima de uma ilusão, provocada pela sede. Não, não era desvario, eu estava diante de um riacho de águas cristalinas. Quis parar o cavalo para apear, mas não pude: o tordilho entesou o queixo e entrou no córrego. Pulei. Apanhei no chão uma folha sêca de buriti, coloquei-a à beira da corrente, num lugar onde a água corra límpida entre pedrinhas e areia, e, ajoelhado, botei a boca na água, e bebi, animalescamente, como o meu cavalo. Bebi, bebi, sentindo a frescura da água no nariz.[64]

A necessidade fez com que aos bons modos de higiene e educação que seu corpo era habituado fossem rapidamente esquecidos, compartilhando o momento de beber com o próprio cavalo. Esse

[63] IGLÉSIAS,op.cit, 1953, p.466.
[64] IGLÉSIAS, op.cit 1953. p.468.

exemplo expõe como os corpos nordestinos não podiam ser classificados ou estereotipados como inferior em relação aos demais corpos do Brasil, visto que enfrenta cotidianamente desafios que afetam as condições mínimas de sobrevivência.

Iglésias ao se reencontrar com seus companheiros nessa situação faz dois comentários dignos de nota, o primeiro é relacionado a dureza da sede no Sertão, " É inacreditável como um dia de sede sob o sol ardente e desfigura um indivíduo"[65] e o outro era sobre os caboclos que estavam sendo os guias da viagem e acabaram se separando, o autor disse " Os sertanejos são homens duros, acostumados a estes mimos do Sertão"[66] reconhecendo a dificuldade que era viver no Sertão sob essas circunstâncias diariamente, apesar de, no contexto, parecer estar enaltecendo a figura do sertanejo, o seu tom abre margem para a problematização de que, ao falar "mimo" não está amenizando o desafio que causou tantas mortes no Norte brasileiro?A presente pesquisa não se aprofundará nisso, o que inegavelmente fica claro é a força do sertanejo que apesar de todas essas dificuldades, como o desamparo governamental, a fome, a sede e o calor, ainda encontra momentos e forças para sorrir.

O sorriso é um elemento universal no qual todos os corpos em algum momento de sua existência tiveram que sentir, então, para expor que as sensações do autor sobre o Norte não se resumem a sentimentos negativos, é necessário expor a alegria compartilhada entre o autor e os sertanejos. Por exemplo, quando Iglésias escuta uma história junto a um delegado de polícia ao entrevistarem um sertanejo acusado de ter agredido outro homem, e caem na gargalhada pela situação.

> Eu te conto, seu capitão: não é de hoje que o cabra vinha indicando comigo. Pois ontem, na festa do compadre João, ele passou por mim e me disse umas pilares - eu não respondi; acho que ele pensou que eu estava com medo: eu não queria consumição p'rá minha cabeça, seu capitão. E já foi chegando, foi chegando, foi chegando e foi falando: só faltou me chamá de santo, e eu nem arrais; de repente ele me chamou de endivide, então não resisti: desci a taca no cabra. O seu capitão tá vendo como um pai de família se disfarça? - Com muito custo o delegado de polícia conseguiu conter o riso. E quando o Sr. Odilon Parente me reproduziu o caso, demos, os dois, gostosa gargalhada.[67]

Confusões e brigas quando ouvidas através das pessoas que participaram e tem seus motivos revelados causam uma dose de humor, principalmente ao imaginar o que essas pessoas sentiram ao fazer tais atos. Por isso, Iglésias se divertia com essa historia pois tinha, como o proprio disse " é esquisito como a desgraça alheia no lugar de causar tristeza as vezes despera o riso, toda tragedia tem receios de comedia"[68]. Outro motivo que o fez rir foram as crenças populares de um nordestino que queria um emprego com Iglésias,

> Nem Santiago, o meu nome certo mesmo é Norberto. - Mas, então, que embrulhada é essa? - Eu lhe explico, patrão: eu sô lá das bandas dos Gerais, e nóis tem muito receio dos cabras das

[65] IGLÉSIAS, op.cit 1953. p.468.
[66] IGLÉSIAS, op.cit 1953. p.468.
[67] IGLÉSIAS, op.cit 1953. p.193.
[68] IGLÉSIAS, op.cit 1953. p.161.

> caatingas, que são fazedores de idéia. Então eu pensei: chegando nas caatingas, eu digo que sou Santiago; após os cabras, fazendo idéia no Santiago, não fazem em mim, porque eu sou Norberto. Não pude conter o riso que desatou em gostosa gargalhada, gargalhada que todos acompanharam, inclusive o esperto e desconfiado carapina. Fazer ideia ou ideia, como Norberto pronunciava, caro e paciente leitor, é fazer feitiçaria, e de feitiçaria até muita gente boa tem medo.[69]

Situações de desentendimento, o medo de magias despertavam o riso do autor mesmo que sejam exemplos que, para o leitor tanto do livro quanto da presente pesquisa não carreguem o mesmo peso social. Viver com os sertanejos era algo novo carregado de sensações e experiências que afetaram tanto o corpo quanto a mente de ambas as partes em *Caatingas e Chapadões*. Por isso, reconhecer a importância dos corpos e do contexto nos quais estavam inseridos, é essencial para melhorar a análise da obra e de suas nuances, visto que dá mais vida aos exemplos e dá profundidade aos personagens representados pelo autor. Esses personagens, mesmos que criados a partir da sua escrita, tinham sorrisos e sofrimentos semelhantes aos descritos pelo autor, reforçando a importância de se problematizar e compreender o papel dos corpos como fonte histórica.

A linguagem é assumida como outro elemento caracterizado pela cultura, na qual a sociedade está inserida. O sertanejo, nas palavras de Iglésias: **“**Nós sabemos que o nosso sertanejo tem muito de ameríndio, quer em seu sangue, quer nos hábitos de compreender as coisas. Como este, ele procura designar sempre um objeto segundo uma observação direta, embora seja às vezes errônea, procura, enfim, e o consegue, dar o nome com certa propriedade”[70]. Sua afirmação também é observada novamente quando, em uma roda de conversa, ele escuta uma cantiga e percebe variações entre a versão do Norte e a Versão do Sul.

> Batatinha quando nasce Bota rama pelo chão, Mariquinhaia quando deita. Bota a mão no coração ," 383 Essa nota folclórica fez-me recuar no tempo e no espaço: transportei-me pelo pensamento à minha cidade natal, no fim da rua dos Pescadores, mais tarde batizada com o nome ilustre de Prudente de Morais; acionei para a esquerda a manivela do tempo e me vi com seis anos de idade, à sombra dos flamboyants em frente à fábrica de tecidos à margem direita do rio Piracicaba; as operárias, finda a tarefa do dia, com flocos de algodão nos cabelos, saiam, qual bando de baitacas, a cantarolar, entre outros versos populares, êste: "Batatinha quando nasce Bota folha pelo chão, Marquinha quando deita Bota a mão no coração." A mesma estrofe, com pequena variante, recitada em regiões separadas por milhares de quilómetros uma da outra. As regiões podem ser diferentes, mas a alma brasileira é a mesma em todo o Brasil. Comparando-se as duas estrofes, vemos que a versão nortista tem mais propriedade: "Batatinha quando nasce bota rama pelo chão;" enquanto que a sulista diz: "Batatinha quando nasce bota folha pelo chão.[71]

Essa cantiga popular expõe as diferentes camadas que a cultura abrange, pois Iglésias trazia consigo sua versão sulista e conseguiu perceber as alterações regionais que se adaptam melhor a cultura do Norte, o regionalismo cultural mostra que existiam diferentes tipos de representações dentro do Brasil e que mesmo com as diferenças ainda tinham a mesma base linguística. No mesmo exemplo, o

[69] IGLÉSIAS, op.cit 1953. p.417.
[70] IGLÉSIAS, 1953, p.360.
[71] Ibidem, p.383.

autor ter escrito que a música o fez lembrar da infância mostra como as sensibilidades e o imaginário debatidos por Pesavento estavam atuando naquela situação, pois não se sentia representado por tudo que era manifestado pelos sertanejos, mas, ao entrar em contato com a música e associar com a sua realidade conseguiu sentir, imaginar e representar um pouco da sua cultura ali.

Na língua portuguesa, como disse Marcos Bagno[72] em seu livro "Preconceito Linguístico"[73], o Brasil teria um alto grau de variabilidade e diversidade por conta da sua extensão territorial e diferentes influências em cada parte do território que causaria essas diferenças. Porém, o principal motivo para o autor é "as diferenças de status social"[74], pois o português "culto" seria fruto de ensino escolar que nem todos têm acesso. Logo, "isso se deve simplesmente a uma questão que não é linguística, mas social e política"[75]. É importante considerar:

> Então, se o fenômeno é o mesmo, por que na boca de um ele é "normal" e na boca de outro ele é "engraçado", "feio" ou "errado"? Porque o que está em jogo aqui não é a língua, mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica onde essa pessoa vive. Se o Nordeste é "atrasado", "pobre", "subdesenvolvido" ou (na melhor das hipóteses) "pitoresco", então, "naturalmente", as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam também devem ser consideradas assim[76]

Em *Caatingas e Chapadões*, o viajante não expressa explicitamente repreensão ou sinais de preconceito, mas esses estranhamentos e choques culturais podem ser interpretados como se ele reconhecesse seu lugar social privilegiado e visse os sertanejos como pessoas desfavorecidas, presas à falta de educação, políticas públicas e modernidade. Ao destacar que esse estranhamento era mútuo, pois existia um contato entre diferentes culturas, como no exemplo citado em que os moradores não sabiam o que ele falava significava e ficaram com medo, serve para mostrar como é importante reconhecer que a língua e a cultura variam de uma região para outra, e devem ser respeitadas, uma vez que carregam as construções histórico-sociais das respectivas sociedades.

As gírias e as expressões também estão imersas na obra e exemplificam as diferenças culturais entre o autor e os moradores. Em uma conversa realizada com um caboclo durante uma festa, ele se depara com a expressão "tiro na macaca"[77]. Sem saber o que significava, estranhou a gíria e descobre em sequência o seu significado que é "mulher que ainda não casou"[78]. O estranhamento era mútuo, na

---

[72] Marcos Bagno é professor de Lingüística da Universidade de Brasília (UnB), escritor e tradutor, com dezenas de livros publicados no campo da sociologia da linguagem e do ensino de português, além de obras dedicadas ao público infanto-juvenil, diversas delas premiadas. Desde a publicação de A Língua de Eulália, em 1997, seu primeiro livro no campo da educação lingüística, vem se tornando um dos lingüistas mais conhecidos do Brasil, devido à sua militância contra toda forma de exclusão social por meio da linguagem e a favor da valorização de todos os múltiplos modos de falar. Também atua na pesquisa e na proposta de novos caminhos para a educação em língua materna, com ênfase nas noções de letramento e de reeducação sociolingüística. Pela Contexto é autor dos livros 12 Faces do Preconceito e A Língua de Eulália.
[73] BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico, o que é, como se faz?. 9 ed. Loyola. São Paulo 2007.
[74] Ibidem, p. 15.
[75] Ibidem, p. 40.
[76] Ibidem, p. 42.
[77] IGLÉSIAS, 1953, p. 434.
[78] Ibidem.

mesma noite, Iglésias, que tinha o privilégio de ter uma câmera fotográfica, desejava registrar o momento,

> Para guardar uma lembrança da reunião, pedi que não se retirassem, pois desejava tirar uma fotografia. Fui buscar a máquina, e, ao regressar, mais da metade dos convivas havia desaparecido. Perguntei o que aquilo significava, e o "cabeça chata", sorridente, informou: - Entraram no bredo, é como lá diz: fugiram. :eles estavam pensando que essa história de tirá retrato é prá recrutá soldado prá guerra. Fiz ver a todos que eu era amigo sincero do sertanejo, e que meu intuito era somente o de ficar com uma lembrança deles, e nada mais.[79]

Os seres humanos em sociedade têm um modo subjetivo da existência, são capazes de atribuir nomes, valores e significados que variam de acordo com o contexto, a simples fala de tirar uma fotografia, naquele momento, na cultura sertaneja assumiu outro significado frente às crenças do autor, o mesmo também não conhecia a gíria e reforça que os estranhamentos causados pelo choque cultural eram mútuos.

Por isso, a linguagem precisa ser analisada. Para embasar essa discussão, Waldir Beividas[80] e Tiago Ravanello[81], autores do capítulo "Reflexões sobre o discurso: a linguagem como re-criação do mundo", presentes na obra "Lingua(gem), texto, discurso: entre a reflexão e a prática"[82], destacam que a língua e a linguagem são meios de interpretação subjetiva da existência.

Uma vez que todas as trocas intersubjetivas havidas em nossa história individual, da fala material aos discursos mais variados que acionam nosso imaginário, nosso pensamento e nossos sentimentos se expressam através da linguagem, "a história coletiva, pelas sociedades, os discursos sociológicos, políticos, históricos, econômicos, a composição de valores e ideologias são discursos de valores produzidos e construídos através da linguagem e sua interpretação"[83]. Logo, em cada contexto de realidades ela é interpretada e sujeita a um modelo subjetivo que modifica e atribui alterações e significados.

---

[79] Ibidem, p. 440.

[80] É Graduado e licenciado em Português e Francês pelo Centro Universitário Fundação Santo André ; (1983) Mestrado em Letras e Linguística, pela Universidade de São Paulo ; (1992) Doutorado em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo ; (1998-1999) Pós-doutoramento na IHEAL- Institut de Hautes Études de l'Amérique Latine ; (2016-2017) Pós-doutoramento na Alma Mater Università di Bologna (Itália). Atuação acadêmica: (1993-2006) Professor Adjunto IV no Departamento de Psicanálise (Graduação) e no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da USP ; (2010-2013)

[81] Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria (2004), mestrado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005), doutorado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009), tendo parte de seu doutorado sido realizada como bolsista do Centre de Sciences du Langage da Université de Paris - X - Nanterre pelo programa CAPES/PDEE, e Pós-Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob a supervisão do professor Livre-Docente Christian Ingo Lenz Dunker. Atualmente é professor Associado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Faculdade de Ciências Humanas, atuando no curso de Graduação em Psicologia - Bacharelado - e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em História, Teorias e Sistemas em Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: psicanálise, epistemologia, linguagem, semiótica e psicologia.

[82] BEIVIDAS, W. Reflexões sobre o discurso: a linguagem como re-criação do mundo. In: LARA, G. M. P. (Org.). Lingua(gem), texto, discurso. Entre a reflexão e a prática. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006, p. 117-135.

[83] Ibidem, p. 126.

As variações vão além do campo da linguagem, a cultura se manifesta em cada canto que tem o toque humano. No início da obra, o autor tem um estranhamento com a arquitetura do Hotel no qual estava hospedado, pois “com certeza não tiveram tempo de mobiliar"[84] e ao confrontar o gerente do estabelecimento as questões culturais ficam explícitas,

> Fui ao gerente, isto é, ao proprietário e perguntei-lhe se havia recebido nosso telegrama, pedindo-lhe que nos reservasse o quarto. - O quarto é esse, amigo! :€ o melhor da casa . - Sim, estou vendo.· Mas, e a mobília? - Os senhores têm rêder -Temos. - Pois mobília aqui é rede. Em cama não há quem durma, é muito calor. Onde estão as redes? - Na mala, disse, pondo-as para fora. - Faz o favor. Vou armá-las. São rêdes cearenses;muito estreitas ia dizendo e armando-as nos ganchos.Os senhores precisam comprar rêdes piauienses, redes "taguiranas", em que duas pessoas podem dormir juntas. - O senhor não pode, ao menos, no.s arranjar um lavatório para lavar o rosto? - Vou dar um jeito. 38 Meia nora depois veio triunfante com o desejado utensílio. Era um daqueles lavabos de ferro, com bacia redonda e espelho oval - espelho que deforma a cara de quem se mira nele - lavabo, conhecido no interior paulista como "lavatório de turco". O "Hotel 15 de Novembro" era um casarão característico do lugar. A construção, embora simples, obedecia a um plano inteligente, que era o de evitar o mais possível o efeito das altas temperaturas. Tinha a forma de U. Na frente e num dos lados, estavam instalados os quartos dos hóspedes; no outro braço estavam as dependências do hotel: banheiros, cozinha e despensa; no fundo do U ficava a sala de refeições, cujas janelas amplas se abriam para o pátio - quintal. Os banheiros de uma pobreza franciscana, eram comuns a todos os hóspedes: não passavam de um quarto ladrilhado[85]

O ambiente era adaptado para fornecer o melhor conforto dentro do contexto das altas temperaturas e contavam com a indispensável rede como ferramenta que auxiliaria nesse combate, no mesmo comentário, também é discutido as variações entre diferentes tipos de redes presentes dentro do próprio Sertão, esclarecendo como até na mesma região as culturas variam e tomam forma própria, com um significado que representa a herança histórica das sociedades que a compõem.

Em *Caatingas e Chapadões,* é possível, por meio da literatura, reviver traços da história cultural dessa época. Como diz Sandra Pesavento, “a relação entre a História e a Literatura se resolve no plano epistemológico, mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real. Clio e Calíope participam da criação do mundo, como narrativas que falam do acontecido e do não acontecido, tendo a realidade como referente a confirmar, a negar, a ultrapassar, a deformar.”[86]

Preservar os traços subjetivos da cultura sertaneja em um tempo histórico onde a única cultura era a das elites e poucos conseguiam o privilégio da educação, reforça a validade da análise dessa obra, que atuou com diferentes eixos de inferência e aproxima o leitor, seja ele brasileiro ou piauiense, de um retrato da realidade passada sob a visão de um viajante que só tinha a missão de, inicialmente, cuidar da produção da Maniçoba e acabou produzindo um lugar de memória repleto de problematizações e análises dignas do olhar de Clio.

---

[84] IGLÉSIAS, 1953, p.39.
[85] Ibidem, p. 39.
[86] PESAVENTO, 2003, p. 66.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mergulhar nas páginas de *Caatingas e Chapadões*, somos levados a uma jornada pelas complexidades políticas, econômicas e culturais do Nordeste do início do século XX. A obra se revela como um testemunho valioso e autêntico, transcendendo as narrativas oficiais e oferecendo um olhar íntimo sobre uma região em transformação. Através dos escritos de Iglésias, somos conduzidos por paisagens repletas de contrastes e desafios, onde o Nordeste luta para encontrar seu lugar na modernidade.

As representações culturais e sociais presentes na obra *Caatingas e Chapadões* demonstram como o sertão nordestino é visto como um espaço de contrastes: entre o sublime e o grotesco, a miséria e a resistência. A visão de Francisco de Assis Iglésias dialoga com o conceito de representação de Roger Chartier, onde as narrativas são construções carregadas de significados culturais e sociais. A obra evidencia que as práticas sociais do sertão não são neutras, mas carregadas de estratégias de legitimação e exclusão. Assim, o livro se apresenta como um registro literário que vai além do descritivo, funcionando como uma lente que projeta o imaginário social do Brasil daquela época.

A análise dos corpos na obra de Iglésias evidencia como as condições históricas e sociais moldam a percepção do corpo sertanejo. Utilizando o conceito de Foucault, que descreve o corpo como suporte das funções vitais e lugar de inscrição simbólica, a obra retrata as dores físicas e os sofrimentos causados pela fome, sede e calor do sertão. Momentos como o desespero do autor ao enfrentar a sede mostram a brutalidade das condições de vida e reforçam a resiliência dos sertanejos. A linguagem é apresentada como um reflexo das dinâmicas culturais e sociais, variando de acordo com o contexto regional. Na obra, a língua dos sertanejos é analisada como um elemento que carrega a história coletiva e os valores da comunidade, enquanto os estranhamentos linguísticos entre Iglésias e os moradores revelam as distâncias culturais entre o Norte e o Sul. A obra expõe como a linguagem é muitas vezes marginalizada por estereótipos e preconceitos. Sendo que essas variações, as cantigas e expressões locais revelam a riqueza linguística do sertão são mais do que mera variação: são marcas de identidade.

A obra também reflete as mudanças sociais e econômicas do início do século XX, como a industrialização e o impacto das políticas públicas no Nordeste. Iglésias documenta a interação entre o rural e o urbano, destacando as diferenças nas estruturas sociais e nas práticas culturais. A falta de infraestrutura e o isolamento geográfico do sertão são contrastados com a visão de progresso e modernidade advinda do Sul. Onde sua obra problematiza a marginalização das regiões periféricas, mostrando que a narrativa do progresso brasileiro excluiu boa parte da população.

O autor nos convida a reconhecer e valorizar as culturas e representações das cidades piauienses que resistiram ao tempo, preservadas pelas palavras do autor e que atualmente se encontram de forma diferente. É como se ele nos convidasse a embarcar em uma jornada, abrindo nossos olhos para seus estranhamentos nas paisagens pitorescas e únicas, proporcionadas pela riqueza natural e cultural que

permeia essa região. E a presente pesquisa problematizou a forma como os cenários são expostos, buscando um meio termo entre as fantasias da memória, da ficção e a rigorosidade da história.

Seu relato tem um lugar dentro das documentações históricas, revelando-se como uma obra de valorização das expressões culturais encontradas no Nordeste, durante o início do século XX, que pode ser lida por todos que desejam navegar de volta às cidades piauienses do passado. Ao adentrar nas páginas de *Caatingas e Chapadões*, é respaldado como as cidades são multifacetadas e podem ser representadas de diferentes formas, baseadas no seu lugar social. Então, o presente estudo é uma dessas fontes que representam a importância da memória e das narrativas pessoais na construção de uma história mais inclusiva e plural.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Ensaio sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BERNUZZI, Denise. O corpo e suas representações culturais. Revista Brasileira de História, São Paulo, 1998.

BEIVIDAS, Waldir; RAVANELLO, Tiago. Reflexões sobre o discurso: a linguagem como re-criação do mundo. In: _____. Língua(gem), texto, discurso: entre a reflexão e a prática. São Paulo, 2008.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

IGLÉSIAS, Francisco de Assis. Caatingas e Chapadões. Rio de Janeiro: Editora Academia Piauiense de Letras, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e história cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: Editora SOS Corpo, 1988.

MUNIZ, Durval. O tecelão dos tempos. Natal: Editora da UFRN, 2019.

NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. Relatório da expedição científica ao Norte e Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Oswaldo Cruz, 1912.